

Cine na Escola: entre as Bordas da Educação e Saúde Mental



Autora: Stéphanie Strzykalski
(Psicologia/UFRGS)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rose Gurski
(Psicologia/UFRGS)

INTRODUÇÃO

Inscrito em um Projeto de pesquisa-extensão intitulado **“Cine na Escola: entre as Bordas da Educação e Saúde Mental”**, este estudo debruçou-se sobre a análise dos diários de experiência dos bolsistas extensionistas que participaram da oficina **“Cine na Escola”** – atividade oferecida, ao longo do ano de 2013, em parceria com a ESF – Ilha da Pintada em uma escola pública da região.

“CINE NA ESCOLA”: uma experiência com adolescentes das margens

Através do **“Cine na Escola”**, pretendemos oferecer um espaço de escuta/intervenção com sujeitos que carecem de momentos para falar de si e de seu sofrimento psíquico. Participaram da oficina uma turma de, aproximadamente, oito adolescentes com idade entre 12 e 16 anos. A dinâmica semanal da atividade ocorria em três tempos, sendo eles:

- 1º** Oferta de sessões de cinema/produções imagéticas (filmes de curta metragem, videoclipes musicais, vídeos da *internet* que tratam da temática adolescente);
- 2º** Abertura de um espaço para debate/discussão sobre o que as vivências com as narrativas da tela produziram nos sujeitos;
- 3º** Confeção dos diários de experiência pelos bolsistas de extensão (compilado escrito acerca das experiências com o **“Cine na Escola”**);

NOTAS METODOLÓGICAS

Os **diários de experiência** dos bolsistas de extensão formam o material empírico do presente estudo. Soma-se ao *corpus* da pesquisa as construções feitas a partir da **leitura-escuta** (Iribarry, 2003; Caon, 1994) de textos teóricos e as **elaborações surgidas nas reuniões** do grupo de pesquisa.

Os procedimentos de análise dos dados sustentaram-se, especialmente, na metodologia psicanalítica, tomando de seu método: a **atenção flutuante** como norteadora da coleta e abordagem analítica dos dados, assim como o conceito do **a posteriori** como um tempo em que os achados encontram as vias para formar uma relação de conjunto uma vez que sejam tecidos entre si e com a teoria (Moschen e Vasques, 2012).

Da mesma maneira, recolhemos os ricos efeitos metodológicos advindos do estudo acerca do **conceito de experiência na obra de Walter Benjamin**. O filósofo alemão contrapõe a experiência (*Erfahrung*) ao conceito de vivência (*Erlebnis*) – uma forma de experiência isolada que não faz laço e não carrega nenhum valor coletivo (Benjamin, 1936/1994). Assim, um acontecimento pode decantar em experiência somente ao ser compartilhado, narrado e transmitido.

UM FRAGMENTO DE EXPERIÊNCIA

(Início da cena...) Os bolsistas trouxeram como disparador da oficina o videoclipe musical criado para a campanha **“Ser diferente é normal”**, que aborda a questão do preconceito com a diferença nos mais diversos âmbitos. Depois da turma ter assistido, um dos adolescentes brinca com o título da música, produzindo um deslizamento de sentido: **“ser maconheiro é normal!”**. Um dos oficinairos sente-se observado por um **“olhar”** paradoxal, localizando sua origem em um elemento já naturalizado na parede da sala – é um cartaz, confeccionado pelos alunos, com o desenho de um sinal de negação sob uma folha de maconha, acompanhado dos dizeres garrafais **“NÃO ÀS DROGAS”**. Ao transmitir ao grupo essa percepção, ouve dos adolescentes que, na escola,

não é permitido falar da temática. O adolescente que brincou com as palavras compartilha com o grupo o episódio em que, ao escrever em uma folha de papel o dizer **“LEGALIZE”**, foi descoberto pela professora e chamado a comparecer na diretoria para dar explicações. Segundo ele, todos acabam **“falando aquilo que a escola quer ouvir”**.

Diante disso, os bolsistas retomam a proposta do **“Cine na Escola”** como um movimento de criação conjunta e constante, a fim de cavar um espaço em que a palavra é genuinamente acolhida, dando condições para que haja (re)invenção das narrativas, seja qual for a temática abordada.

Rebatendo a fala-intervenção, entra em cena uma outra participante da oficina, questionando as implicações acerca da possibilidade de poder discutir o uso de drogas: **“Mas assim vocês vão estar nos incentivando a usar!” (... Fim da cena)**

A CONSTRUÇÃO DO NOVO: apontamentos e reflexões teóricas a partir do corte na trama

- O videoclipe assumiu função de catalisador de uma questão silenciada, porém presente: as drogas. Sustentamos que, ao deslizar o significante **“diferente”**, o adolescente acabou protagonizando um episódio cercado de potencial polissêmico. Entendemos que esse gesto desvelou-se na oficina justamente por ela ser um lugar que se propõe a acolher a palavra e, ao mesmo tempo, dar espaço para o exercício de sua profanação (Agamben, 2007).
- Na fala da outra adolescente, aquela que encerra a cena, percebemos o aparecimento da palavra-ato, como se o falar remetesse ao fazer imediatamente. A possibilidade oferecida do falar-sobre as drogas é imediatamente associada ao próprio consumo, revelando uma espécie de achatamento/encurtamento do discurso e do campo simbólico.
- Benjamin (1933/1994) nos fala sobre o empobrecimento da dimensão da experiência, fenômeno relacionado aos modos de viver na modernidade acelerada que não oferta condições para que das vivências decantem experiências. Acreditamos que, na atualidade, a passagem adolescente vem sofrendo os efeitos negativos desse quadro. Por isso, pensamos que a postura da escola em relação à temática do combate às drogas (assim como de outras questões) seria mais enriquecedora caso ela não operasse, justamente, na contramão do esvaziamento das narratividades – como acabamos percebendo no episódio em que a folha de papel foi tomada como a própria folha da maconha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: o que decantou do estudo?

- Assim como o catador de restos, personagem nascido das letras de Benjamin (1938/1994), fomos buscar nos diários de experiência elementos que sustentassem a validação do **“Cine na Escola”** como um dispositivo produtor de experiência. Acreditamos que a oficina produziu efeitos, uma vez que, além do episódio acima elencado, encontramos outras cenas baseadas na (re)elaboração de narrativas de si. Ancorada nos diálogos possíveis entre a trindade Psicanálise, Educação e Cinema, a oficina contribuiu com a abertura de um outro lugar de conexões de experiências no âmbito da escola.
- Para encaminhamentos futuros, consideramos potente dar continuidade à investigação acerca da inserção de práticas como o **“Cine na Escola”** na rede pública de saúde e educação, de maneira a atuar no âmbito da promoção de saúde mental infanto-juvenil. A circulação da palavra, ao alargar o campo simbólico, possibilita ao sujeito experimentar o sofrimento psíquico relacionado à passagem adolescente com uma maior variedade de possibilidades de (re)significação – tornando esse momento, portanto, menos doloroso e solitário.

Referências

- Agamben, G. (2007). Profanações. São Paulo: Boitempo.
- Benjamin, W. (1933/1994). Experiência e pobreza. In Benjamin, W. *Magia, Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas I. Trad. Rouanet, S. P. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, W. (1936/1994). O Narrador. In Benjamin, W. *Magia, Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas I. Trad. Rouanet, S. P. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, W. (1938/1994). Charles Baudelaire: um Lírico no Auge do Capitalismo. Obras Escolhidas III. Trad. Barbosa, J. C. M. e Baptista, H. A. São Paulo: Brasiliense.

Caon, J. L. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7 (2).

Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica?. *Revista Agora*, 6(1).

MetaSocial, I. (2012). Ser Diferente é Normal (formato videoclipe). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WjdPIFKd64c>

Moschen, S. e Vasques, C. K. (2012). A Construção do Caso como Dispositivo de Inclusão Escolar de Alunos de Zero a Cinco anos com Transtornos Globais de Desenvolvimento (Projeto de Pesquisa).